EDITORIAL

Fiquei triste mais uma vez (e já foram tantas!) que os anarquistas e/ou alguns que nem são, gastem seus talentos intelectuais degladiando-se como se os inimigos dos libertários estivessem dentro de nossas fileiras, ou estarão e eu não sei?

Somos poucos com maturidade suficiente para levar adiante a divulgação e conscientização do anarquismo, para passar um estudo sobre coerência ideológica possível, dentro da sociedade capitalista em que somos obrigados a co-existir, e muitos jovens já procuram fazer guerra aos seus companheiros pensando suplantá-los.

Continuando assim... e parece que vai continuar porque no Rio não é diferente, o Estado, as autoridades, a burguesia, os políticos bem como todas as igrejas não precisam perder tempo a combater os anarquistas, eles mesmos se combatem, se anulam movidos a vaidades e atavismos que lhe passaram de gerações para gerações. O ser humano é antes de se tornar, conhecer o anarquismo, uma vítima de seculares deformações psíquicas, e se ao encontrar essa filosofia de vida tão salutar, não melhorar nada sua personalidade, então o anarquismo fracassou. É melhor entrar numa das milhares de igrejas e rezar, rezar muito...

Tenho notado com muito pesar, que muitos anarquistas decoraram a ideologia ácrata mas ela não lhe dá coerência, continuam como antigamente carregados de vontade de liderar, de criar hierarquias no lugar errado...

Se os anarquistas não conseguem superar mesquinharias do sistema político/religioso em que vivemos, e fazem nas fileiras anarquistas a mesma coisa, então "estamos patanhando" como dizem os espanhóis, e não saímos do lugar.

… Cada simpatizante das idéias libertárias tem na cabeça uma revolução social e, nenhum de nós, eu também, não temos capacidade e maturidade para resolver o que seria o dia seguinte à derrubada do sistema capitalista.

...atravessamos um período histórico de muitas e graves contradições ideológicas e até humanas. Eu, por exemplo, nunca soube em tempos idos da formação de federações sem a existência de grupos anarquistas para se filiar e dar sustentação à entidade maior. Também nunca soube que se formaram federações para dizer aos outros companheiros o que é certo e o que é errado. Lembro de ter conhecido e participado de congressos onde os grupos anarquistas, formados por afinidades, apresentavam e discutiam teses, para no final, aprovar uma resolução que seria a bússola até o próximo congresso.

Enfim, hoje as coisas mudaram muito...

EDGAR ROGRIGUES, 27 de setembro de 2.004.

Edgar Rodrigues tem razão. Estamos enfrentando um período histórico de graves contradições, que marcará profundamente a atuação dos socialistas libertários no futuro.

Recentemente temos observado que o "movimento", como dizia Jaime Cubero, vem passando por um momento de crise, que aparentemente não será resolvida de uma maneira adequada. Embora todos "encham a boca" para falar que não existe uma maneira única de dizer o que é ou de definir o anarquismo, existem princípios que não podem ser esquecidos.

Somos contrários aos autoritarismos e a hierarquias, sendo dever de cada militante denunciar tais práticas em quaisquer coletivos/organizações pretensamente anarquistas, contribuindo assim para a preservação de nossos princípios e suas qualidades.

Não somos infalíveis e nem pretendemos ser "donos da verdade". Tudo é relativo e depende do ponto de vista que analisamos, para tentarmos definir o que é. Não há dogmas no anarquismo. Tudo é questionável, para melhor entendimento e aperfeiçoamento do anarquismo.

Além disso, e talvez o mais grave problema enfrentado atualmente, é a falta de pluralidade no "discurso" divulgado por pessoas/grupos.

O anarquismo sobreviveu até hoje graças a diversidade das idéias de seus militantes, que sem os grilhões da hierarquia e do autoritarismo, vêm apresentando inúmeras alternativas para livrar a humanidade do caminho da barbárie e da ditadura. Aliás, o anarquismo somente pode existir onde há liberdade, principalmente onde há liberdade para pensar.

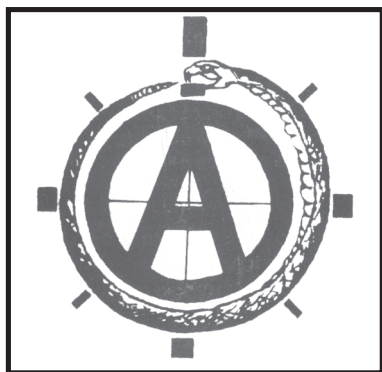
Cada militante tem uma idéia que deve ser respeitada, numa discussão, com outros militantes, as idéias vão sendo apresentadas e aperfeiçoadas. Assim caminha a Anarquia. Ninguém impõe nada a ninguém, mas num debate franco e fraternal, cada idéia é analisada para encontrarmos as soluções, procuradas pelos indivíduos que participaram da análise.

Não pretendemos ensinar nada a ninguém, mas sim construirmos um coletivo onde qualquer pessoa possa expor suas idéias, e assim contribuirmos para o desenvolvimento do anarquismo. Antigamente, embora muitos anarquistas fossem temidos, grande parte deles era, e ainda é, respeitada, por sua conduta coerente e digna, pelos exemplos de vida honesta que legaram aos seus filhos e às suas famílias. Queremos mostrar que os anarquistas continuam assim. Basta conversarmos com filhos ou netos dos militantes que aqui chegaram no início do século passado, para percebermos o carinho e o respeito com que eles falam das lutas de seus pais, mães, avôs e avós libertários.

Anarquia é coisa séria, não pertence a ninguém e merece respeito. Se não encontrarmos saídas plausíveis para o "movimento", respeitando os princípios libertários, pouca ou nenhuma esperança restará a humanidade, que fatalmente caminhará a passos largos rumo a uma era brutal, sem liberdade.

ANARQUISMO EM CAMPINAS: um recorte histórico dos últimos 16 anos

Uma Gênese: anos 1980 e 1990

O movimento anarquista em Campinas voltou a se organizar a partir dos anos 1980. Um dos responsáveis foi um militante libertário que participava do Centro de Cultura Social – CCS de São Paulo que, vindo estudar na PUCCAMP, trouxe discussões sobre o pensamento de Bakunin, Kropotkin, Malatesta, entre outros teóricos, além de material de leitura e divulgação.

SIMBOLO USADO PELO CLEL NOS SEUS DOCUMENTOS.

Através de contatos com estudantes da PUCCAMP, da UNICAMP e de estudantes secundaristas ligados a grêmios e a União Campineira de Estudantes Secundários - UCES, foi criado o primeiro grupo anarquista de Campinas - o Coletivo Libertário Edgard Leuenroth – CLEL.

O objetivo primeiro deste grupo era a divulgação do pensamento libertário na cidade de Campinas, dentro dos locais de atuação de cada membro.

Este coletivo atuou em várias frentes com o movimento

"ANARKILDO" USADO EM VÁRIOS PANFLETOS DO CLEL

estudantil da PUCCAMP, UNICAMP e escolas secundaristas, sempre apresentando propostas que questionavam as relações de poder e sua organização. Também se inseriu nos movimentos sociais mais amplos e abrangentes na busca de difundir o ideário anarquista.

Em tempo, podemos dizer que a chapa para o DCE da PUCCAMP - "Mate ao Rei"- foi um esforço de vários grupos partidários, contando com a participação de anarquistas para "destronar" o PCdoB e o seu braço no movimento estudantil - "Viração"; na UCES, a proposta de uma nova organização para a entidade com a chapa "Sem Cacique é Mais Gostoso"; na UNICAMP, a articulação da chapa independente para o DCE "Chega de Enrolação" para combater e retirar o PT.

Vitorioso, o grupo organizou o primeiro "Junta Tribo", com palestras sobre anarquismo e apresentações culturais no Observatório da UNICAMP. Também houve a participação no "Muda Civil" – movimento que objetivava a mudança da Faculdade de Engenharia Civil (UNICAMP) do campus de Limeira para o campus de Campinas.

Apesar de ser um coletivo basicamente de estudantes, os membros do CLEL participaram de vários Primeiros de Maio com faixas, grafitagens, bandeiras e panfletos.

Neste meio tempo, foi incorporado à sigla CLEL a Fração Insurgente Ácrata - FIA, denominando-se a partir daí CLEL/FIA. A bem da verdade, apenas um membro juntou-se ao coletivo. Sobre as atividades da FIA nunca soubemos se existiram realmente.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO. NÀO PERCA!

IRAQUE, HAITI, COSTA DO MARFIM, PALESTINA

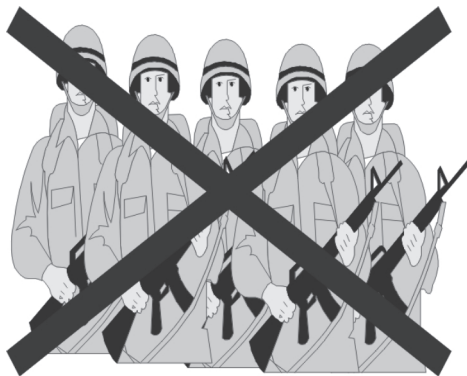
Estas quatro regiões tem em comum a invasão de sua soberania por forças militares estrangeiras, que dizem proteger a democracia e a paz, como se a população desses lugares não soubessem o que é paz e democracia ou equivalente político de governo de amplitude social.

O que querem estas "forças de paz"?

Estão interferindo nas sociedades em defesa, não dos valores que pregam, mas dos interesses estrangeiros nestas regiões, porque os investidores internacionais (ladrões para melhor escrever) perdem muito se o controle dessas regiões não estiver em seu poder ou com quem eles possam manipular.

Todas essas "forças de paz" abandonam seus países de origem como se estes estivessem muito bem. Os estadunidenses mantém sua população enganada e sobre a tutela de seus órgãos de segurança (FBI e CIA); os israelenses invadiram as terras palestinas e de outros países do Golfo Pérsico, não respeitam ninguém e nem as várias condenações que a ONU fez contra suas ações terroristas. Ironicamente foi a ONU que legitimou a invasão dos judeus na Palestina; os franceses são notórios colonizadores (veja a história do Camboja e Vietnã) e continuam como os ingleses, explorando vários povos e dentro de seu país, as populações árabes e africanas são alvos do preconceito francês; os brasileiros

vivem em meio a violência generalizada e a exploração e opressão contra a população é notória, o país é um dos piores em distribução de renda, com uma minoria com uma grande concentração de riqueza. Devíamos solicitar, como reciprocidade, aos iraquianos, aos palestinos, aos haitianos, aos marfinenses que enviem suas “forças de paz” para o EUA, França, Israel e Brasil e ajudar estes países a gerenciar seus problemas.

Mas como anarquistas, condenamos o uso da força militar, da opressão de fardas e a invasão de culturas por estrangeiros. Lutanos sim, por um mundo anacionalizado onde nos tratemos como seres humanos e não como escravos e carne de canhão.

FORÇAS MILITARES NÃO RESOLVEM A FOME DO MUNDO

ANARCO-SINDICALISMO

O sindicalismo foi um importante meio dos anarquistas ajudarem os proletários (termo atribuído as classes sociais com uma quantia grande de filhos, geralmente operários e camponeses) na sua emancipação social, econômica e política.

Foi desenvolvido o paradigma (modelo) anarco-sindical, o qual estabelece o processo revolucionário e o gerenciamento econômico e político através das unidades sindicais, onde cada categoria ficava responsável por sua produção e por sua distribuição a sociedade, através de depósitos para consumo.

Existe uma compreensão das necessidades de consumo individuais e coletivas que precisam de atenção e gerenciamento. Preocupados com isso e também em não cair no erro de abdicar da liberdade, da autonomia e solidariedade de classe. Os anarco-sindicalistas procuraram manter unidade de ação das várias categorias e entender como funcionavam a fim de mantê-las funcionando mesmo sem os patrões, chefes, donos, fazendeiros, partidos, políticos e todos os demais parasitas que controlam os meios de produção.

Atualmente, este modelo recebeu transformações e é parte importante em um processo revolucionário. Sua contribuição é a organização das classes proletárias produtivas e gerenciamento da distribuição da produção. É claro que tomaremos cuidado, pois muitos pensam “em distribuir segundo a sua produção” e o que queremos é “distribuir segundo sua necessidade” que ultrapassa as condições estabelecidas nos meios de produção, pois o objetivo não é acumular riquezas, mas abolí-las, dissolvê-las no desenvolvimento do indivíduo e seu coletivo.

Assim, é necessário uma compreensão das necessidades individuais e coletivas, equilibrando-as. As principais perguntas a serem respondidas seriam: Há produção? Há consumo? Há demanda de quais produtos? Todos contribuem para o processo e todos estão livres para suprir suas necessidades e assumir compromissos coletivos?

O anarco-sindicalismo é um caminho dentre vários, para desenvolver nossos ideais.

ESPERANTO, LINGVO INTERNACIA!

A língua esperanto foi criado por Zamenhof no intuíto de romper as barreiras linguísticas em todo mundo e confraternizá-lo em uma língua mundial, que não é imposta por fatores econômicos, culturais ou militares.

O latim dos romanos foi imposto aos povos conquistados; o francês de Napoleão também foi imposto aos povos dominados; Portugal e Espanha nas suas colônias fizeram suas línguas a oficial sem respeito as culturas locais; o inglês também se impôs pelos britânicos a todos os seus súditos em todo o globo e os estadunidenses atualmente são a hegemonia militar e econômica, impõe sua cultura e língua inglesa a todos.

Diferente dessas línguas, o esperanto não tem pátria ou mátria, não tem nação de referência e isso é muito importante, já que não se impõe. Alias não é religioso, não é espírita e o esperanto não veio do céu, nem é o novo latim dos católicos romanos. Ele é laico e de uso geral, por qualquer um que procure um mundo sem fronteiras, fraterno e justo.

Por tal compromisso com um mundo anacionalista (sem nação ou nações) o esperanto é muito aceito dentro do movimento anarquista, pois compartilha essa aspiração anacional, um mundo sem fronteiras.

É uma língua fácil e realmente une culturas diferentes, porque embora seja anacional, respeita as diferenças culturais, desde que não sejam de exploração e opressão entre povos e populações.

Ĝis revido!

A SOCIEDADE E OS PARTIDOS

Os partidos são freios que impedem a sociedade de ser livre, autônoma e autogerida.

Os partidos em suas diversas matizes (esquerda e direita) procuram criar uma condição “sine qua non” para sua existência de controle governamental sobre a sociedade. É fato que a sociedade ao se submeter as práticas partidárias e ao controle do Estado, perde sua liberdade de decidir e agir diretamente para resolver seus problemas.

O que os anarquistas entendem é que a sociedade para se desenvolver precisa se livrar dos partidos e do Estado. Porque os partidos atrapalham o processo de gerenciamento da sociedade, ao defenderem os interesse das partes que representam. Assim, por mais que queiram resolver os problemas da sociedade, sempre atendem em primeiro plano a interesses de suas “partes”. Isso significa que por mais que digam atender os interesses sociais gerais, sempre atendem os seus partidários em detrimento do resto da sociedade. E através do Estado, controlam e definem o que fazer. O Estado é uma invenção de controle social que segura o desenvolvimento popular e chega a prejudicar a sociedade com impostos altos que sustentam sua burocracia estatal e instituições de controle interno (polícias, exércitos etc).

A sociedade gerencia-se a muito tempo sem a necessidade de Estado e partidos. É isso o que queremos, o fim dos partidos e do Estado, a favor do autogerenciamento social que é a sociedade com todos os seus indivíduos participando de tudo que lhe diz respeito e não abrindo mão de seus direitos a grupos de partidos interessados no poder e não do desenvolvimento de uma sociedade justa e livre.

O filho-da-puta (mesmo quando ainda o não sabe), vive de um modo geral preocupado, vive tanto mais preocupado quanto mais filho-da-puta é, vive preocupado com suas ocupações e com a despreocupação dos outros, vive em permanente inquietação mesmo quando aparenta calma, tudo o que é novo perturba, é para ele causa de tormentos e temores. Mas quanto mais teme e se atormenta, maior sua necessidade de continuar a fazer, de fazer cada vez mais, ou então de continuar a não deixar fazer, de deixar fazer cada vez menos. E quanto mais faz, ou quanto menos deixa fazer, maior o receio: receio de não poder continuar indefinidamente a fazer o que faz ou então a não deixar fazer o que não deixa fazer, receio do futuro e do presente e quase sempre até do passado. O filho-da-puta nunca está satisfeito: por isso acumula, tenta acumular tudo o que pensa que são vantagens, por isso tem inveja, tem sempre inveja, inveja de tudo; por isso dorme mal, por isso tem prisão de ventre, por isso tem dores de cabeça.

Fragmento tirado do excelente texto DISCURSO SOBRE O FILHO-DA-PUTA, de Alberto Pimenta.

Nenhum homem é uma Ilha, um ser inteiro em si mesmo; todo homem é uma partícula do Continente, uma parte da terra. Se um Pequeno Torrão carregado pelo Mar deixa menor a Europa, como se um Promontório fosse, ou a Herdade de um amigo seu, ou até mesmo a sua própria, também a morte de um único homem me diminui, porque Eu pertenço à Humanidade. Portanto, nunca procures saber por quem os sinos dobram. Eles dobram por ti.

John Donne.

Encontre as palavras:

EMMA Goldman, anarquista estadunidense; **KRONSTAD**, palco de resistência de operários e soldados ao autoritarismo dos bolcheviques russos; J-P **PROUDHON**, primeiro pensador a dizer-se anarquista; Leon **TOLSTOI**, romancista anti-militar; Nestor **MAKHNO**, organizador anarquista; Mikail **BAKUNIN**, teórico e ativo militante libertário; **ACRACIA** = anarquia; **AÇÃO DIRETA** é um princípio anarquista; Buenaventura **DURRUTI**, anarquista espanhol.

A	V	F	W	R	T	S	X	E	D	U
S	C	D	V	T	J	O	L	M	T	I
Q	E	R	T	Y	U	P	X	M	B	P
S	O	J	A	H	C	D	L	A	L	K
D	X	V	R	C	U	T	K	S	Y	R
X	U	O	I	R	I	U	A	Y	L	O
Q	D	J	R	U	N	A	C	B	M	N
P	E	U	R	I	K	O	I	A	X	S
H	T	E	N	J	S	R	C	X	D	T
I	A	C	A	O	D	I	R	E	T	A
B	D	F	J	L	J	R	Y	C	O	D
X	E	S	A	P	K	N	V	C	L	Z
B	P	R	O	U	D	H	O	N	S	G
I	S	I	S	Y	Z	W	Y	V	T	E
L	F	O	D	C	Q	R	D	T	O	C
I	L	M	A	K	H	N	O	G	I	X

Um povo sem passado, sem história, sem a conhecer e nem a transmití-la, está fadado a nunca ter um futuro e apenas o amargo ocaso desfocado da realidade limitada que seus grilhões revelam.

Mas uma história maquiada, desfigurada é mais um elo de uma corrente que reduz cada indíviduo a um ser desfigurado do que é, do que foi e do que será, moldando-se em mentiras que o tornam estranho a si, mais um peça bruta que produz, consome, mas não pensa.

Conheça a história, entenda os fatos e mais do que tudo, se torne uma consciência a mais, curiosa em prol da liberdade e justiça.

JUSTECO KAJ LIBERO
ENTRE EM CONTATO
A/C Fênikso Nigra
CP: 999 CEP13-001-970
Campinas-SP
m.e: feniksonigra@yahoo.com.br
WWW.FENIKSO.RG3.NET